

UMA BREVE HISTÓRIA DA COMUNIDADE JARDIM UNIVERSITÁRIO

LUIZ GUSTAVO DE SOUSA SANTOS¹

RESUMO

Neste artigo, será apresentada uma breve História da comunidade Jardim Universitário, como surgiu, quando surgiu, e quais fatores que levaram ao seu surgimento. Visando apresentar, e reascender na memória dos moradores das comunidades a visão sobre a relevância desta população para a formação social. Além de investigar como foi dada origem a esta comunidade, comparamos o seu surgimento com o de outras comunidades conhecidas e já estudadas. Para isto, a pesquisa sobre a História local foi efetuada através da história oral, utilizando o método de entrevista temática. No artigo também serão apresentados alguns conceitos que foram cruciais para o desenvolvimento do trabalho, apresentados os conceitos de História oral, Memória, e comunidade de baixa renda.

Palavras-chave: comunidade; História oral; Memória.

RESUMEN

En este artículo, se presentará una breve Historia de la comunidad Jardín Universitario, como surgió, cuando surgió, y cuales factores que llevaron al su aparecimiento. Con el objetivo de presentar, y reavivar en la memoria de los residentes de las comunidades la visión sobre la relevancia de este pueblo para la formación social. Además de investigar cómo se dio el origen de esta comunidad, comparamos el surgimiento con lo de otras comunidades conocidas y ya estudiadas. Para esto, la investigación sobre la Historia local se realizó a través de la historia oral, utilizando el método de entrevista temática. En el artículo también se presentarán algunos conceptos que fueron cruciales para el desarrollo de este trabajo, presentando los conceptos de Historia oral, Memoria, y comunidad de baja renta.

Palabras-claves: comunidad, Historia oral; Memoria.

¹ Graduando em História pela universidade Federal de Sergipe, e-mail para contato gustavo_sousa96@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentaremos uma breve História da comunidade Jardim Universitário. Intencionamos buscar aspectos comuns entre seu surgimento e o surgimento de outras comunidades já estudadas e conhecidas. Trazer à tona a memória dos moradores das comunidades, apresentando-os como agentes da história, colocando-os como peças importantes na formação da sociedade. A forma mais comum de acessarmos a memória coletiva é através da História Oral, esta que serve para dar voz aos excluídos da História oficial, trazer o testemunho dos que foram descartados como agentes da História, utilizamos das fontes vivas, entrevistamos os moradores, a fim de entender como se deu o surgimento da comunidade.

Crescer em um bairro periférico da capital sergipana, o Bairro América, teve grande influência na escolha da temática desta pesquisa. Em conversas com familiares, notei que pouco se sabe sobre a história local, mesmo vivendo a maior parte da vida neste bairro. Os acontecimentos que marcaram a memória foram as construções de escolas, ou estabelecimentos comerciais, pensando nisso, surge o questionamento, será que o bairro possui algum filho ilustre, que teve peso na formação social desta comunidade, a pergunta fica em aberto até o momento.

A falta de consciência sobre a importância da sua história, suas memórias, seus feitos, faz com que as pessoas neguem a História, como conhecimento necessário. A ausência do conhecimento sobre a importância de determinados grupos sociais como agentes da História, faz com que suas conquistas sejam ignoradas, tornando-os irrelevantes para a formação social. Retornando para a comunidade o que levou a sua origem, podemos despertar o desejo de aprofundar a História local, sobre a relevância dos seus antepassados na formação da atual sociedade.

Um dos principais conceitos da nossa pesquisa é o conceito de Memória. A questão da Memória tem sido alvo de debates nas Ciências Humanas, principalmente nos campos da história e da antropologia. Tida por alguns como uma fonte não confiável, todavia para estudar determinados acontecimentos temos que recorrer à memória, já que estes não foram relatados na história oficial. Não entremos na parte fisiológica da memória, falaremos sobre o conceito básico da memória, qual sua função, e qual sua utilidade para o estudo histórico. A memória está geralmente relacionada a função de lembrar fatos, de forma parcial e limitada, por isso ao desenvolver um estudo tendo como principal objeto a memória, é sempre bom estarmos atentos aos impactos que a memória individual pode causar. (Le Goff, 1982)

Nosso estudo será voltado para a memória coletiva, ou seja, estudaremos do ponto de vista daquela comunidade, como eles guardam na lembrança determinados acontecimentos. Assim como na memória individual, a memória coletiva também sofre dos males que assolam a mente humana, mas, nesta o impacto é menor, podemos através do comparativo dos relatos, chegar a um consenso do que de fato aconteceu, analisando quais fatos se repetem nas narrativas. Além dos males causados a memória individual que são ocasionados por doenças, temos a perda da memória por descaso com determinado acontecimento, a omissão de informações, ou a narrativa tendenciosa sobre alguns acontecimentos, porém, são males que também podem afetar na denominada história oficial. Sabemos que o imaginário irá afetar a narrativa dos fatos, mas, a partir do comparativo podemos chegar o mais próximo do que de fato ocorreu. Não devendo rebater as afirmações do entrevistado, sabendo que aquele conta naquele momento a sua verdade, cabendo a nós, após interpretação, considerar o que de fato ocorreu. (Bosi, 2003)

A História Oral permite o acesso a memória coletiva, concedendo através da conversa com os entrevistados enxergar de vários pontos de vista, ao realizar a entrevista temática, acabamos por abordar o mesmo acontecimento com mais de um dos indivíduos, podendo analisar o que é similar e o que diverge em suas narrativas. Ao trabalhar com a História Oral, é importante entender que não estamos analisando uma verdade absoluta, estando ciente que os fatos apresentados pelos memorialistas podem ser refutados posteriormente. Assim como ao estudar acontecimentos através da História Oficial, podem surgir novos fatos, Bosi fala que, ao entrevistar idosos, alguns contavam os relatos como vinham à memória, e depois ao conversar com amigos que também viveram aquele momento, se retratavam quanto a sua narrativa. Na História Oficial podemos nos deparar com documentos que podem apresentar informações que são refutadas futuramente, fazendo com que toda pesquisa seja refeita, na História Oral podemos nos deparar com narrativas que se sobreponham as anteriores, alguns entrevistados podem trazer para a entrevista, documentos que não estariam acessíveis por outros meios. Entendendo que não devemos julgar a narrativa do memorialista, podemos compreender que a História pode ser vista de formas diferentes, lembrando que a narrativa do memorialista pode ser feita de forma tendenciosa, cabe ao pesquisador analisar os fatos apresentados, sendo imparcial às narrativas.²

² SILVEIRA, Joseane Alves da. & SANTOS, Rita de Cássia Greco dos – **História Oral e Memória**: construindo novas fontes de pesquisa sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande (1960-1969). Disponível em <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/5860>.

Outro conceito fundamental a nossa pesquisa é a definição de favela, que hoje foi substituído por comunidade. Favela era utilizado para definir qualquer lugar com habitações irregulares, carência em infraestruturas básicas como saneamento, luz, esgoto, coleta de lixo e demais serviços públicos. No contexto atual, esta é a definição aplicada as comunidades de baixa renda, que surgem, em sua maioria, com habitações improvisadas, algumas vezes em terrenos invadidos, ocasionados quase sempre pela falta de assistência social às classes mais baixas da sociedade. Quanto ao surgimento das favelas no Brasil, é atribuída a comunidade da Providência, o título de primeira favela do Brasil. Essa comunidade surge no contexto pós-Guerra de Canudos. Soldados que retornaram do combate, sem assistência, e com autorização do governo, construíram casas improvisadas no morro próximo ao centro do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. O nome atribuído a essa nova ocupação é inspirado em uma planta que crescia em abundância no morro onde estavam lotadas as forças armadas designadas a combater Canudos.

O termo Comunidade, ou comunidades de baixa renda, passou a ser utilizado, principalmente nas Ciências Sociais, com o intuito de melhorar a imagem social que era atribuída aos moradores das favelas, definidos em alguns dicionários de forma pejorativa. Descrevia aqueles locais como, locais onde vivem marginais, termo utilizado para se referir a criminosos. Com o aumento da representatividade dos que ali vivem, seja por matérias de jornais que acompanham o cotidiano nas comunidades, por moradores que tiveram ascensão social, por representações mais reais do cotidiano dos que ali vivem, hoje as Ciências Sociais conseguem ver que nas comunidades não vivem somente marginais, mas, que ali vivem cidadãos e sujeitos históricos importantes para a compreensão de nossa formação social. Assim sendo, nossa pesquisa deverá utilizar os conceitos destacados como guia para os estudos sobre a comunidade Jardim Universitário. Para tanto, realizamos um trabalho de coleta de dados, utilizando a História oral como metodologia.

Aplicamos o questionário em anexo, escolhendo como depoentes os moradores mais antigos da comunidade, que estavam dispostos, e que ainda vivem por lá. Esse foi o nosso único critério.

A COMUNIDADE E SEUS MORADORES

Buscamos entender como se deu o surgimento da comunidade Jardim Universitário, que anteriormente era conhecida como Barreiro, para isso entrevistamos de forma elaborada alguns moradores, conseguimos através destas entrevistas, conhecer um pouco da história local. Não conseguimos definir uma data exata para o surgimento da comunidade, mas, ficou claro que alguns moradores vivem ali há mais de 30 anos. Antes conhecido como Barreiro, hoje a comunidade Jardim Universitário, tem esse nome por conta da proximidade com a Universidade Federal de Sergipe, buscamos a origem do nome Barreiro, mas, não se sabe ao certo o motivo.

Para entendermos como se deu a chegada de algumas famílias à comunidade, vamos tentar situa-la, a comunidade Jardim Universitário está localizada na cidade de São Cristóvão³, próximo a Universidade Federal de Sergipe, a SergipeTec⁴, e ao Rio Poxim⁵. Sua localização não está tão próxima do centro histórico de São Cristóvão (parte mais antiga da cidade), mas, está em um ponto estratégico, quando se tem em vista a mobilidade urbana. A entrada da comunidade está localizada na lateral da SergipeTec, possuindo outras ruas para acesso, mas, sendo a avenida da CHESF sua principal entrada, avenida essa que possui acesso ao bairro Jabutiana, ainda hoje não é muito utilizada pela falta de iluminação e pavimentação.

A maioria dos moradores reside a cidade há bastante tempo, alguns deles já possuíam casa própria antes mesmo de mudarem para a comunidade, o que torna mais curioso ainda a mudança para um local que estava em fase inicial de ocupação, que ainda hoje está em desenvolvimento. Alguns moradores dos quais conversamos, viviam em alguma localidade próxima do Jardim Universitário, seu Gilson, por exemplo, morava na região conhecida por

³ Considerada a quarta cidade mais antiga do Brasil, fundada por Cristóvão de Barros, em 1590, sendo a primeira capital do Estado de Sergipe, São Cristóvão é um município brasileiro do estado de Sergipe, localizado na Região Metropolitana de Aracaju no leste do estado e fundada por espanhóis. Limita-se com os municípios de Aracaju a leste, Nossa Senhora do Socorro, Laranjeiras e Areia Branca ao norte, e Itaporanga d'Ajuda a oeste e sul. Cidade histórica do estado de Sergipe, considerada monumento nacional, São Cristóvão situa-se ao norte do estuário do rio Vaza-Barris, no litoral sergipano.

⁴ O Sergipe Parque Tecnológico (SergipeTec) é uma associação privada, sem fins lucrativos, reconhecida como Organização Social Estadual (OS), que tem por objetivo a promoção do desenvolvimento científico e tecnológico local e regional, através do fomento de atividades de pesquisa e de ensino, do apoio a empreendimentos de base técnica e industrial e da implementação de um parque tecnológico que contemple a gestão compartilhada de recursos humanos, materiais, físicos e técnicos, voltadas ao desenvolvimento social, institucional, econômico, da cidadania, da qualidade de vida e da promoção do pleno emprego, nas áreas de: Cultura; Ensino, Treinamento e Aperfeiçoamento; Pesquisa Científica e Tecnológica; e Proteção, Conservação do Meio Ambiente e Organização Adequada do Território.

⁵ O rio Poxim é um rio brasileiro que banha o estado de Sergipe, abrangendo parte dos municípios de Aracaju, Areia Branca, Laranjeiras, Itaporanga, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão. Formado principalmente pelos Rios Poxim-Açu, Poxim-Mirim, Poxim e Pitanga, o Rio Poxim apresenta um formato alongado no sentido oeste-leste, limitando-se ao sul com a bacia hidrográfica do Rio Vaza-Barris e, ao norte, com o Rio Sergipe.

Várzea, região mais afastada do centro urbano, que ainda localizada em São Cristovão, no entanto, mais próximo do conjunto Santa Lucia, bairro Jabutiana, na capital sergipana. Seu Luciano, morava na parte conhecida como Rosa Elze, comprou o terreno, construiu a casa com a ajuda dos filhos, vendeu a casa que tinha no Rosa Elze para comprar um caminhão, sendo a compra do caminhão um dos principais motivos da mudança (tendo em vista que a compra deste, condicionaria uma melhoria de vida para toda a família), a estrutura da casa foi influenciada pela presença do caminhão, que hoje é utilizado para fretes.

Com relação a estrutura da comunidade, buscamos identificar os serviços públicos que a comunidade tem acesso, então, além das entrevistas, andamos pelas ruas da comunidade, para observar a pavimentação, áreas de lazer, e etc. Nas entrevistas também abordamos a temática, buscando entender quais estruturas que mais fazem falta para os moradores da comunidade.

Para tratar da estrutura, vamos entender como foram construídas as casas na comunidade. Quando os entrevistados chegaram ao local, já haviam moradores em pequena quantidade, algumas casas improvisadas, terrenos invadidos, e etc. A maioria das casas foram construídas em alvenaria, a região não possuía água encanada, o que dificulta bastante em uma obra, questionados se faziam uso da água do Poxim (que está bem próximo da comunidade), David informa que não. A princípio os moradores utilizavam a água de poços cartesianos, construíram cisternas para o abastecimento das residências, na região foram construídos dois tipos de cisterna, a de consumo, com água mais limpa, e a que era utilizada para construção, limpeza e etc, com a água mais suja. Seu Luciano, pai de David, fala que quando comprou a casa, era uma residência bem menor, com a ajuda dos filhos, realizou várias reformas, inclusive durante esse período das cisternas, ele testemunha que era bem complicado, pois além da construção das casas, ainda era necessário fazer a cisterna.

Com relação à segurança, buscamos localizar instituições de referência para a população, como posto policial, delegacia, e etc, ambos moradores informaram que não há nenhuma dessas instituições dentro da comunidade. David, informa que há um certo tempo havia um posto policial dentro da comunidade, mas, que foi desativado há bastante tempo, e até hoje nada foi feito para suprir a ausência deste posto, Rafael, informou que não se recorda da existência de tal posto. Com isso, questionamos a presença das forças policiais na comunidade, informaram que não ocorrem rondas cotidianas, as forças policiais comparecem apenas quando há alguma ocorrência, ou denúncia, em casos de assalto, homicídio, e etc. O policiamento na região nunca ocorreu de forma ativa, informa seu Gilson, mesmo em tempos anteriores não

havia movimento das forças policiais na comunidade, mas, eram outros tempos, a comunidade tinha uma população bem menor, a quantidade de casas era baixa, quase todos se conheciam, afirma seu Gilson.

A sensação de segurança interfere de forma direta nas formas de lazer de uma comunidade, questionamos os moradores sobre as atividades que praticavam em seu tempo livre. Rafael costumava jogar futebol com outros jovens da comunidade, por volta de 10 anos atrás, em um local mais próximo a entrada da comunidade, mais recente em um campo improvisado dentro da comunidade, informa que parou de jogar por conta da violência dentro do campo. Seu Gilson informa que por conta do desemprego, não faz muita coisa no tempo livre, até porque a condição financeira não permite, que atualmente costuma sentar na sala e ouvir o rádio. David, informa que atualmente não faz muita coisa no tempo livre, costuma adquirir conhecimento, buscando enriquecer o currículo, já que atualmente também está desempregado, mas já trabalhou como vigilante, montador de pisos, em distribuidora e hoje está fazendo curso de barbeiro.

Relacionado a saúde, na comunidade não há UPA, não há UBS, ou qualquer outra instituição que presta assistência médica, pela ausência desses, não há uma assistência social ativa na comunidade. Questionamos os entrevistados a respeito destes, nos foi falado sobre a existência de uma enfermeira, que é quem presta assistência para os moradores da comunidade. Esta enfermeira é tida como referência para os moradores, quando se precisa de alguma informação relacionada a saúde, os idosos que moram na comunidade, recorrem a ela para ter acesso à remédios, curativos, e um certo acompanhamento médico, já que a mesma busca visitá-los. Questionados sobre casos em que precisem ir a uma unidade de saúde, tanto David, como seu Gilson, informaram que recorrem ao posto de saúde do Eduardo Gomes⁶, e quando o caso é mais grave, recorrem ao HUSE, que está localizado na capital sergipana.

Na comunidade há uma grande presença de mosquitos, a causa deste problema, a falta de saneamento em algumas ruas, a presença de canais à céu aberto, matagais próximos as residências, sabemos que este não é um problema meramente estético, que vinculado a ele, podem vir doenças como a Dengue, Chikungunya, dentre outras. Os entrevistados não demonstraram incomodo com a presença dos mosquitos, disseram que já estão acostumados

⁶ Conjunto localizado próximo a comunidade Jardim Universitário, um dos conjuntos mais populosos da cidade de São Cristóvão.

com a presença deles dentro de casa, eles moram na comunidade há mais de dez anos, com esse tempo, não deveria, mas, as vezes acabamos por nos acostumar.

A relação da prefeitura com a comunidade, os entrevistados informaram que não veem a presença da prefeitura dentro da comunidade. Algumas ruas já eram pavimentadas há um bom tempo, mas, a maioria ainda era estrada de terra, com a gestão atual é que as ruas voltaram a ser pavimentadas. David informa que este acontecimento não pode ser levado em consideração, como presença da prefeitura, que essa pavimentação é algo que a prefeitura devia há tempos para a comunidade. Questionados sobre a sensação de segurança na comunidade, informam que por viverem há bastante tempo na comunidade, sentem-se seguros para transitar a noite pelas ruas, mas, seu Gilson ressalta que, sente-se seguro para transitar em veículos, por que em determinados horários, não se sente bem em transitar à pé pelas ruas.

Como em todas as cidades e bairros no Brasil, temos um grande número de igrejas na comunidade, questionados sobre a presença das congregações na comunidade, os entrevistados informaram que chegaram a frequentar, inclusive algumas que já não estão lá atualmente, mas, por motivos pessoais optaram por praticar a fé em casa. E com relação às ações praticadas por elas na comunidade, ouvimos o relato de que antes havia uma campanha de vacinação para crianças e idosos em uma delas, mas, somente isso.

Como dito antes, a comunidade está bem próxima da Universidade Federal de Sergipe, e ao lado da SergipeTec. Questionados sobre a influência dessas instituições no desenvolvimento da comunidade, ambos não apresentaram fatos em que elas foram importantes para o desenvolvimento da comunidade, mas, quando questionados sobre o motivo da mudança para a comunidade, ambos informaram que visavam a melhoria de vida, pela comunidade está mais próxima da zona urbana. Está presente no discurso de muitos moradores da região, sejam moradores da capital que conviveram, ou passaram pela região, sejam moradores de São Cristovão, todos eles dizem que antes da chegada da UFS, a região do Rosa Elze era pouco desenvolvida. Relacionado a SergipeTec, que a estrutura está mais próximo da comunidade, foi questionado sobre os benefícios para a comunidade, foi dito que a chegada foi proveitosa para os moradores que tiveram acesso ao programa desenvolvido pela SergipeTec (não tivemos contato com nenhum), e que a construção do parque tecnológico serviu para embelezar a entrada da comunidade.

AS OUTRAS COMUNIDADES

Para entender o que buscar para conhecer a história local do Jardim Universitário, buscamos pesquisas realizadas em outras comunidades, já que esta era uma das nossas primeiras experiências envolvendo pesquisa em campo. Os relatos encontrados com facilidade na internet são referentes as comunidades, de certa forma, famosas, que já foram citadas em filmes, telenovelas, e até mesmo em músicas que se tornaram hits. Buscamos conhecer também um pouco da história daquela que é considerada a primeira favela brasileira. (termo anteriormente aplicado às comunidades).

Considerada a primeira Favela (não utilizando o termo comunidade, que é o correto, mas, o título de primeira comunidade pode ser atribuído a outra localidade), o Morro da Providência, localizado no Rio de Janeiro, tem seu surgimento por volta de 1883, ocorrendo principalmente por dois motivos, 1º a política de higienização, imposta pelo prefeito Barata Ribeiro⁷, e continuada por Pereira Passos⁸; 2º o fim da Guerra de Canudos. Com a política de higienização, os cortiços⁹ do Rio de Janeiro começam a ser demolidos, um em especial, o *Cabeça de Porco*, é colocado como estopim para a mobilização de ex-escravos, e outros pobres que começam a ocupar os morros adjacentes ao centro da capital brasileira, ocupando a região que ficou inicialmente conhecida como *Livramento*.

Logo após a ocupação realizada pela população expulsa dos cortiços, os soldados que retornaram da Guerra de Canudos, não são recebidos como esperavam. Chegaram ao Rio de Janeiro vitoriosos, mas, passam de soldados à desempregados e desabrigados, recorrendo às comunidades como moradia. Com a chegada dos ex-combatentes, a região passa a ser conhecida como *Favela*, esse nome é dado por conta de uma planta que crescia em abundância, inclusive deu nome ao morro em que alguns dos soldados ficaram alojados durante o combate. Existem algumas versões para explicar o surgimento do atual nome Morro da Providência, em uma delas, o nome é herdado da Guerra de Canudos, pois havia um rio próximo a região que possui o mesmo nome, em outra versão, o nome surge das reivindicações da população com a prefeitura, que pedia providencia frente aos problemas enfrentados pela comunidade.

⁷ Cândido Barata Ribeiro (11/03/1843 – 10/02/1910). Prefeito do Rio de Janeiro (então Distrito Federal) de 17 de dezembro de 1892 a 26 de maio de 1893. foi médico, político e escritor brasileiro, defensor do abolicionismo e do republicanismo. Também foi ministro do Supremo Tribunal Federal durante 10 meses.

⁸ Francisco Franco Pereira Passos (29/08/1836 – 12/03/1913). Prefeito do então Distrito Federal (Rio de Janeiro) entre 1902 e 1906. foi um engenheiro e político brasileiro.

⁹ Cortiço é a denominação dada, no Brasil e em Portugal, a uma casa cujos cômodos são alugados, servindo cada um deles como habitação para uma família. As instalações sanitárias são comuns.

A região já era habitada antes das migrações citadas acima, mas, é importante entender que o surgimento da comunidade ocorre somente com a migração dessa população que havia sido rejeitada, e expulsa do centro da capital. A quantidade de moradores que ocupavam a região antes da queda do *Cabeça de Porco*, e da ocupação realizada pelos ex-combatentes, era mínima. Pelos grupos que ocuparam o Morro da Providência, e mediante a situação em que ocorreu a migração, vemos que o surgimento da comunidade é a partir da busca pela melhoria na qualidade de vida dos moradores, mesmo sabendo que a localidade não possuía saneamento básico, calçamento, e etc, a população que migrou para lá, buscava um local para se estabelecer, e a partir daí, ter uma melhoria de vida. Essa comunidade teve uma forte conexão com o samba, a capoeira, que foram movimentos que sofreram uma grande repressão nos anos iniciais da república, esses embates tiveram grande peso na formação social brasileira, mas, não cabe no momento aprofundarmos essa temática.

A outra comunidade observada para o desenvolvimento deste artigo, foi a comunidade de Paraisópolis, que é considerada uma das maiores comunidades do Brasil, e está situada no Estado de São Paulo, localizada ao lado do bairro Morumbi¹⁰, estima-se que a população desta comunidade já ultrapassa 100 mil. A comunidade foi “apresentada” recentemente em uma telenovela da Rede Globo¹¹.

A História da comunidade traz em sua trajetória, como um loteamento de luxo se tornou uma comunidade de baixa renda. O loteamento que pertencia a Fazenda Morumbi, foi aprovado em 1922, sendo dividido em 2200 lotes para venda, visando principalmente a criação de chácaras, os lotes foram vendidos em grande parte, no entanto, pela falta de infraestrutura os proprietários abandonaram seus lotes, dando origem a construções irregulares, que surgiram através da invasão dos lotes.

Paraisópolis é erguida vizinho ao bairro Morumbi por volta dos anos 1950 e 1960. Estudos apontam que um dos motivos para o grande crescimento da comunidade, nos seus anos iniciais, foram as grandes obras que ocorriam próximo a região, como a construção do Estádio do Morumbi, que durou de 1952 a 1970. Além dos moradores que ocuparam inicialmente, oriundo da Lei de Zoneamento Geral do Município, de 1968, a comunidade recebe moradores

¹⁰ É o resultado do loteamento de chácaras e pequenas fazendas, descendentes da Fazenda Morumbi. O distrito do Morumbi concentra alguns dos bairros mais nobres do município de São Paulo e do Brasil, ao mesmo tempo em que possui comunidades como Real Parque, e Jardim Panorama, fazendo divisa com Paraisópolis.

¹¹ Emissora de TV brasileira, fundada em 26 de abril de 1965 (54 anos) por Roberto Marinho.

que migraram de outras comunidades, como Águas Espraiadas, Brooklin e Real Parque, que por conta de obras nessas regiões, migraram para a comunidade de Paraisópolis.

Por estar localizada em uma das regiões mais ricas da capital paulista, Paraisópolis traz uma visão muito interessante com relação ao cenário urbano, temos uma das maiores comunidades do Brasil, fazendo divisa com um dos bairros nobres de São Paulo. Essa proximidade que permite que sejam feitos observações, fotos e relatos que ficaram famosos por todo mundo, em várias fotografias da comunidade podemos ver casas improvisadas ao lado de condomínios de luxo, onde podemos observar algumas diferenças existentes em nossa sociedade. Em poucos locais podemos observar no mesmo espaço, de forma tão próxima, a diferença entre as residências de diferentes classes sociais.

SEMELHANÇAS

Em São Cristovão, como também ocorre na capital sergipana, e conseqüentemente no Jardim Universitário, podemos notar uma característica muito interessante, que pode ser associado ao que também acontece com a comunidade de Paraisópolis. Ao andar pelas ruas de Aracaju, e isso ocorre em quase todos os bairros, em certos momentos estamos observando casas com estruturas que remetem à “casas de luxo”, com uma fachada bem ornamentada, com um bom acabamento, etc, e ao entrar em outra rua, ou até mesmo a casa vizinha já apresenta ser uma casa mais “humilde”. No Jardim Universitário, assim como em algumas ruas do Rosa Elze, e Eduardo Gomes, ao olhar para um lado da rua vemos casas com pintura recente, algumas com acabamento em cerâmica, e ao olhar para o outro lado da rua, vemos casas que não possuem nem o reboco. Essa característica é interessante para notar a existência de diferentes classes sociais dentro das comunidades de baixa renda. Possibilitando também notar que até o momento, a comunidade está em expansão, pois dentro da comunidade hoje podemos ver condomínios, o que até pouco tempo atrás não havia.

As motivações para a mudança para a comunidade Jardim Universitário (apresentada pelos entrevistados), são semelhantes as motivações de moradores das outras comunidades, a busca pela melhoria de vida. Seja pela localidade, pelo custo de vida, pela facilidade de acesso à moradia (mesmo que improvisada). Quanto a aquisição das residências, a forma de comercialização dos terrenos onde foram construídas as residências do Jardim Universitário remetem novamente a Paraisópolis, pois grande parte fez aquisição do terreno, e com ajuda de amigos e familiares, construíram as residências onde hoje moram, como foi realizado por seu

Luciano, alguns outros, como seu Gilson, já compraram a casa pronta, mas, expandiram a residência, também com ajuda de amigos e familiares. Não vimos a empregabilidade sendo citada como ponto atenuante na mudança, já que dentro da comunidade existem (hoje) poucos estabelecimentos comerciais, e nenhum industrial.

Nos relatos atuais das outras comunidades, talvez por serem relatos recentes, e as comunidades existirem há mais tempo o Jardim Universitário, não notamos relatos a respeito de invasão de terreno. Nas entrevistas notamos relatos de invasão de terreno na comunidade Jardim Universitário, inclusive passamos próximo a alguns locais que foram invadidos, e notamos que as casas são improvisadas em sua maioria. As invasões não foram realizadas em uma região afastada das demais residências, algumas estão bem próximas à casa dos entrevistados, mas, há também uma parte da comunidade que é predominantemente invadida, região essa que é apontada pelos moradores como área mais perigosa da comunidade.

CONCLUSÕES

Quando realizamos a entrevista temática, temos como objetivo extrair os fatos através da História oral, e enquanto ouvimos com atenção o que é dito pelos entrevistados, podemos conhecer um pouco sobre a personalidade dos entrevistados, em certo momento da fala de seu Gilson, podemos notar o sentimento que ele sobre a imagem que seus filhos passam sobre a sua família, que se pararmos para analisar, é o sentimento que a maioria tem com relação a sua prole. Durante os relatos que nos foram contados, em alguns momentos conseguimos notar expressões que transparecem o sentimento satisfação em terem suas histórias ouvidas. O intuito da pesquisa de apresentar a história da comunidade para a comunidade ganhou força durante o trabalho de campo, levando a conclusão de que de fato há a necessidade de termos a História das minorias contada.

Demos início ao artigo com intuito de conhecer um pouco sobre a História da comunidade Jardim Universitário, para apresentar a História local aqueles que não a conhecem, ou que queiram aprofundar o conhecimento sobre esta comunidade. Concluímos que conseguimos conhecer uma pequena parte da História, reconhecendo que deixamos pontos em aberto, que podem ser explorados em pesquisas futuras, esperando também que este trabalho sirva de base para futuras pesquisas, realizadas por nós, ou por outros pesquisadores que queiram conhecer a História desta comunidade. Além de conhecer a História do local,

conhecemos também, através das entrevistas, um pouco da História dos moradores da comunidade, conhecendo também as expectativas destes para com a comunidade.

REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças dos velhos. 19ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CARVALHO, Janaina. Conheça a história da 1ª favela do Rio, criada há quase 120 anos. **G1**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html>. Acesso em: 30 de nov. de 2019.

DUCROQUET, Simon. A formação de Paraisópolis. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/08/paraisopolis/>>. Acesso: 09 de fev. de 2020.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Edições 70: Lisboa, 1982.

LÚCIA, Carmen. História de São Paulo: Paraisópolis. **O que vi do mundo**, 2016. Disponível em: <<https://oquevidomundo.com/historia-de-sao-paulo-paraisopolis/>>. Acesso em: 07 de dez. de 2019.

LUCENA, Felipe. História do Morro da Providência. **Diário do Rio**, 2015. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-morro-da-providencia/>>. Acesso em: 09 de fev. 2020.

SILVEIRA, Joseane Alves da. & SANTOS, Rita de Cássia Greco dos – História Oral e Memória: construindo novas fontes de pesquisa sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande (1960-1969). Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/58600/>> Acesso em: 14 de dez. de 2019.

SOUZA, Felipe. & BARIFOUSE, Rafael. Paraisópolis: como um loteamento de alto padrão virou a 2ª maior favela de SP. **Terra**, 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/amp/noticias/brasil/cidades/paraisopolis-como-um-loteamento-de-alto-padrao-virou-a-2-maior-favela-de-sp,867b4e0f8af966848d98e764ea06cd0f0pgml2ay.html/>>. Acesso em: 15 de jan. de 2020.

Como Surgiram as Favelas no Brasil. **Casa Vogue**, 2018. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2018/10/como-surgiram-favelas-no-brasil.html/>>. Acesso em 03 de nov. de 2019.